



TERREIROS DE CANDOMBLÉ, METODOLOGIAS E APRENDIZADO: um relato de experiência em uma disciplina imersiva

Daianny Maria de Andrade¹

RESUMO

Este é um relato de experiência de uma estudante de mestrado, na condição de aluna especial, da disciplina “Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações Étnico-raciais”, do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Universidade Federal de Pernambuco, *campus* Agreste, ministrada pelos docentes: Dr. Marcos Barros e Dr. Ivanildo Carvalho. A disciplina fez utilização de metodologias ativas, a partir de conceitos de decolonialidade, Lei 10.639, história e cultura afro-brasileira, trabalhado, desenvolvido e vivenciado em um terreiro de Candomblé, no bairro do Ibura, no Recife. Ela teve o apoio do Afoxé **Omô Nilê Ogunjá** que promoveu aulas de canto, dança, percussão, preparação da alimentação dos participantes e disponibilização do espaço para realização das aulas. O movimento todo da disciplina despertou todos os tipos de sentimentos, mexeu com as emoções, os textos bases serviram de embasamento teórico, além disso teve atividade prática de imersão em quatro escolas localizadas no Ibura. A realização das provocações nas escolas, essa imersão em um ambiente escolar, fizeram os estudantes e a comunidade escolar refletir, com isso, ajudaremos a propor um plano de ação contra o racismo e o fortalecimento dessa identidade negra, dessa história e cultura afro-brasileira nas escolas envolvidas.

Palavras-chave: Educação Antirracista. Educação das Relações Étnico-raciais. Cultura Afro-brasileira. Metodologias Ativas. Aprendizagem.

1.INTRODUÇÃO

A disciplina “Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações-Étnico Raciais” começou via email com o envio de dois textos bases sobre decolonialidade, que servem para trabalhar a cosmopercepção africana, que difere da eurocêntrica, além da necessidade de se pensar as práticas escolares sob essa ótica. As

¹ Mestranda em Educação Matemática e Tecnológica pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e aluna especial da disciplina Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações Étnico-raciais ofertada pelos professores doutores Marcos Barros e Ivanildo Carvalho do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática. Email: daianny.andrade@ufpe.br.



discussões das disciplinas começaram com esse encaminhamento, que foram mais aprofundados ao longo da imersão na história e na cultura afro-brasileira proporcionada pelo Afoxé e pelos professores.

As discussões não ficaram apenas no campo teórico, pensamos também na construção do plano de ação feito especialmente para cada uma das quatro escolas participantes, localizadas no Ibura. Levantamos dados com os estudantes e a possibilidade provocá-los com o vídeo do *youtube* e o jogo chamado “privilegio branco”, ademais, levantamos informações sobre o corpo escolar e fazemos o nosso próprio relatório de observação da escola, compreendendo como a lei 10.639 está sendo implementada.

Esses dois momentos, um de base teórica e outro de base prática, permitiu um aprofundamento do conhecimento para que sejamos mais cuidadosos, utilizando uma linguagem acessível a fim de que outras pessoas sejam capazes de compreender e vivenciar em suas escolas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – O QUE DIZ OS TEÓRICOS?

Começo esta seção parafraseando Bárbara Carine que fala da filosofia africana Ubuntu, afirmando que não podemos ser felizes sozinhos. Diferente da cosmo percepção eurocêntrica, capitalista, hegemônica, na qual preza pelo individualismo e fortalece a crença da felicidade individual, nos responsabilizando pela estrutura social em que vivemos.

Segundo Pinheiro (2013) “existem outros modos de ser, estar e se relacionar” é nesse encaminhamento que torna-se forte na América Latina e do Sul, o conhecimento sobre a descolonização, o termo “des” vem no sentido de desfazer os pensamentos eurocêntricos, é pensar sobre outras formas de aprender, de crescer, de se tornar cidadão.

Quando falamos em decolonialidade é um movimento de desconstruir e construir sem ser pela colonização, é um buscar por justiça social, política, linguística e racial. É se questionar por exemplo: por que o Norte é em cima do mapa? Por que



quando pensamos em construir uma casa no papel quando criança a maioria de nós desenhou uma casa com uma macieira, se nunca vimos uma? Isso pensando em um contexto nordestino. É se questionar porque quando falamos em didática da matemática falamos logo na escola francesa. Será que não há outras didáticas? Será que não há outras bases?

É como diz Walsh (2017, p. 11), “[...] quantas vezes nestes ambientes universitários realmente perguntamos? Qual é o significado das perguntas que fazemos? Como o que pedimos nos faz caminhar de maneira diferente?”, a decolonialidade é um processo de aprender a desaprender. É se questionar qual o papel da educação e qual indivíduo queremos formar, é para formar cidadãos críticos? E se assim for, com qual base estamos fazendo este movimento, por exemplo, qual história negra é contada na escola? Quais teoremas matemáticos são desses matemáticos?

Tanto no ambiente acadêmico quanto no escolar, somos levados a ler e a pensar distante do nosso próprio contexto. Segundo Walsh (2017, p.16):

como podemos transformar a consciência do indivíduo, não necessariamente as estruturas da sociedade que constroem indivíduos que estão em competição uns com os outros, particularmente nas sociedades de hoje em que vivemos.

Dessa forma, não é possível falar de uma educação crítica, sem falar do pensamento social eurocentrado que nos cerca. Se queremos uma mudança social, política, econômica, é necessário uma educação transformadora.

Inclusive, um dos campos que são dominados pelos países europeus, é o tecnológico, que nos obriga a seguir e a disseminar a língua inglesa como universal. Todos os *sites*, aplicativos, *softwares*, *hardware*, são predominantemente em inglês. Para que possam interagir e socializar, sem ficar à margem da globalização, os países que não recebem a tradução para sua língua materna são obrigados a aprender o inglês. Fora a questão de outras tecnologias que não são desenvolvidas pelos Estados Unidos, que são esquecidas, de certa forma até a Inglaterra sofre com isso (Traxler, 2022).



3 METODOLOGIA

A disciplina intitulada “Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações Étnico-raciais” promoveu diversos caminhos baseado em metodologias ativas. Antes do primeiro encontro no final de semana, tivemos que responder um questionário a fim de que os professores pudessem conhecer melhor os estudantes de mestrado. Em seguida, foi disponibilizado dois textos bases cuja temática era decolonialidade, um voltado a pedagogia decolonial e o outro sobre a tecnologia e a decolonialidade. Nesse movimento de leitura, fomos instigados a interagir em uma comunidade virtual da disciplina por meio do Collabits.

No primeiro final de semana, o primeiro impacto foi que a aula não seria na universidade e sim em um terreiro de Candomblé no Ibura. É importante enfatizar que o bairro do Ibura e as religiões de matrizes africanas possuem estereótipos pejorativos e discriminatórios. Outro momento de diferença foi que na sala disponibilizada pelo terreiro do Afoxé Omô Nilê Ogunjá tinha um tapete enorme com almofadas ao invés de cadeiras, tivemos que deixar nossos calçados no corredor e entrar na sala descalços, podíamos ficar sentados ou deitados no tapete da forma que achássemos mais confortável. Com este cenário, nos foi entregue papéis com recortes do livro de Isabel Santos (2002), que não usava a nomenclatura metodologia ativas, mas era um exemplo de uma mulher negra enfermeira que fazia esse movimento.

A partir disso, discutimos o conceito de metodologia ativa que envolve trocas e interesse, reconhecer que cada turma tem sua particularidade assim como cada estudante, a importância de conhecer estes estudantes, trabalhar com emoção e paixão, ter como pauta principal o diálogo, assumir que o conhecimento é para todos e que ele tem de ser acessível. Nesse movimento, fomos agraciados com a voz de Nalva, cantora do Afoxé Omô nilê Ogunjá com músicas desenvolvidas pelo Afoxé, depois disso, nos foi dado um combo com todas as letras das músicas do Afoxé e nesse movimento tivemos que nos separar em grupos diversos para pensar na letra da música cantada e identificar na letra palavras que falassem da metodologia ativa, da decolonialidade e das questões étnico-raciais.



No final de semana em questão tivemos essas rodas de conversa, visita a outro terreiro em Olinda chamado Xambá, oficinas de canto, dança e percussão, produzimos vídeos nos apresentando no *whatssap* antes da aula, teve o teatro de mamulengo, palestra com os gestores das escolas que vivenciarmos a imersão, palestra de Ângela Brainer, almoço e lanches compartilhados. Foi uma primeira imersão na decolonialidade, nas pautas raciais, na cultura e na história afro-brasileira, e para finalizar o final de semana tivemos o feijão de Ogum com desfile e show no Afoxé.

Posteriormente, foi feita a separação de pessoas, alunos regulares, especiais e os componentes do Afoxé, divididos em cada uma das quatro escolas do Ibura. Após isso, começaram as reuniões no *google meet*, a construção de grupos no *whatsapp* e no *collabits* a fim de pensar nas provocações que faríamos na sexta-feira dia 02/06 na escola. Toda a construção de formulários, levantamentos de dados que deveríamos fazer foi colocado no *collabits* e dialogado com todos.

Na sexta-feira, foi levado um vídeo e um jogo do privilégio branco para ser trabalhado com as turmas do Ensino Médio. Aplicamos os questionários e desenvolvemos as atividades provocativas com os estudantes, além disso, alteramos a sequência das atividades para testarmos qual melhor se encaixaria no projeto. Também realizamos entrevistas com a gestão e conversamos com as pessoas que compõem a comunidade escolar, a partir das considerações da obra Como ser um educador antirracista (Soares, 2023).

Ademais, foi realizado seminários com os grupos que foram às escolas, bem como a ida ao teatro para assistir à peça “O movimento Negro no Picadeiro”, espetáculo composto unicamente por pessoas negras evidenciando o protagonismo preto. E por fim, fizemos uma gincana para ouvir os estudantes que participaram dos encontros na escola.

Assim, a imersão da disciplina foi um movimento para pensarmos no projeto que será vivenciado pelas escolas, perpassando o dia da consciência negra e



ênfatizando a obrigatoriedade da lei 10.639/03 que obriga as escolas a discutir a história e a cultura afro-brasileira.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A disciplina foi um despertar para a vida e para a luta contra o racismo. No meu caso, enquanto pessoa branca, pobre, do campo, de cabelo cacheado, que ainda sim por ter uma cor de pele branca tem seus privilégios e reconhecê-los não é fácil. No entanto, é necessário. Além de ser católica e ter tido a oportunidade de conhecer uma religião de matriz africana, o candomblé, e fazer o movimento da não demonização e sim compreendê-la e respeitá-la, caminhando junto com o outro em harmonia na sociedade.

Então, enquanto professora e estudante de mestrado branca pude entender que não basta eu não ser racista, eu tenho o dever de ser antirracista e lutar contra o racismo. Aproveitar os espaços os quais as pessoas negras, infelizmente ainda não estão presentes ou são de difícil acesso, ser veículo desse movimento tão essencial nesses espaços. Outra coisa, é a visão que é possível trabalhar em todas disciplinas e até na matemática a cultura e a história afro-brasileira, não é uma tarefa fácil, mas necessária de se fazer.

Aprendi também sobre o amor, a partilha, a cosmocepção negra e de uma comunidade unida, colaborativa. E enxergar que a educação decolonial, não é fácil, porque até os nossos pensamentos são colonizados. É um movimento constante sem prazo de término, mas libertador.

Por fim, deixo aqui em formato de poesia o que vivi:

Não sei se foi as potências dos orixás ou dos meus ancestrais
Que me fizeram querer e desejar essa disciplinar cursar
Apesar de muito querer, com o tempo esqueci dos editais
Quando vi já era o último dia, então corri para me candidatar.



Quando o resultado saiu só falei gritar para os quatros cantos do mundo
Mal acreditei quando meu nome saiu no listão e aprovada estava
Uma amiga e um amigo meu também foram aprovados e foi alegria tripla
Candidaturas aprovadas agora era ir ao Ibura e viver esse movimento.
Mal sabia eu que a disciplina era em um terreiro no Ibura de Baixo
Não tinha entendido no início que Afoxé era um terreiro de Candomblé,
Mas isso não me assustou, eu sempre quis conhecer um terreiro
E pense que lugar extraordinário, acolhedor e amoroso e cheio de Axé.
Nesses dois finais de semana de imersão, eu jamais imaginei viver o que vivi
Cantei, dancei, toquei em um tambor, chorei, abracei, fui acolhida e acolhi
Deitei, sentei, comi e que comida boa, brinquei, dormi e me emocionei
Fui ao teatro pela primeira vez, vi beleza e talento do povo negro e fiquei feliz.
No dia que a disciplina terminou e eu tive que voltar para casa
eu senti um danado de um aperto no fundo do coração
Porque eu queria ficar mais, viver mais, compartilhar mais, me conectar mais
O afoxé junto com Marcos e Ivanildo mudaram minha cosmo percepção
E agora está mais difícil viver no mundo onde o racismo ainda é comitido.
Cabe aqui uma reflexão:
Quem somos nós na fila do pão?
E se não houvesse o pão?
Quem seríamos nós?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo esse movimento imersivo da disciplina mudou a minha vida e a de outras pessoas, acredito que transpassar as paredes da sala de aula, os muros das escolas, seja um caminho para uma educação verdadeiramente decolonial, pois esse modelo de escola e de ensino é baseada ainda em uma cosmo percepção eurocêntrica. Então,



cabe a nós professores mudarmos essa estrutura. Penso que todo o movimento da disciplina contribuiu na mudança de atitude, falas, olhares tanto acadêmicos quanto pessoais, tanto no ambiente universitário quanto no ambiente escolar. Acredito que a disciplina semeou e plantou sementes em vários corações e em breve colherá frutos inimagináveis.

Deixo como indicação futura de lugares: que tal uma comunidade quilombola? Ou uma comunidade indígena? Ou em turmas da Educação de Jovens e Adultos? Ou em escolas do Campo? É sobre pensar em novos lugares, novas metodologias e novas formas de pensar o aprendizado..

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, 21 jul. 2010.

CASTRO, Lima Janete; SANTANA, José Paranaguá; NOGUEIRA, Roberto Passoa. **Izabel dos Santos: a arte e a paixão de aprender fazendo**. Natal: Observatório RH NESC/UFRN, 2002.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 2023.

TRAXLER, John. **Decolonising Educational Technology**, 2022, no prelo.

WALSH, Catherine. Pedagogías Decoloniales. Convergencias y divergencias: hacia educaciones y desarrollo "otros" / Tatiana Gutiérrez Alarcón ... (y otros 6). Bogotá: Corporación Universitaria Minuto de Dios - **UNIMINUTO**. Centro de Educación para el Desarrollo. (CED), 2017.